

Na "Volpi", mostra de obras do atelier de Fiaminghi

O atelier livre de Fiaminghi, em São José dos Campos, marcou o começo da vida artística de muitos pintores e escultores da cidade. Para homenagear esta fase, a Galeria Volpi expõe trabalhos de 11 artistas plásticos do período de 24 de novembro a 14 de dezembro. Os expositores são: Cláudio Márcio Ferreira dos Santos, Claudionor Itacaramby, Estevão Nador, Eliane Borges, Iracy Puccini, Isabel Ferreira dos Santos, Luiz Eduardo Ribeiro de Carvalho, Luiz Erasmo Moreira, Luiza Irene Galvão, Oswaldo Martins Toledo e Sônia Oliveira. Para falar sobre o atelier, a Comissão de Artes Plásticas sugeriu o nome do doutor Toledo, que se prontificou a escrever um artigo, publicado na íntegra nesta página.

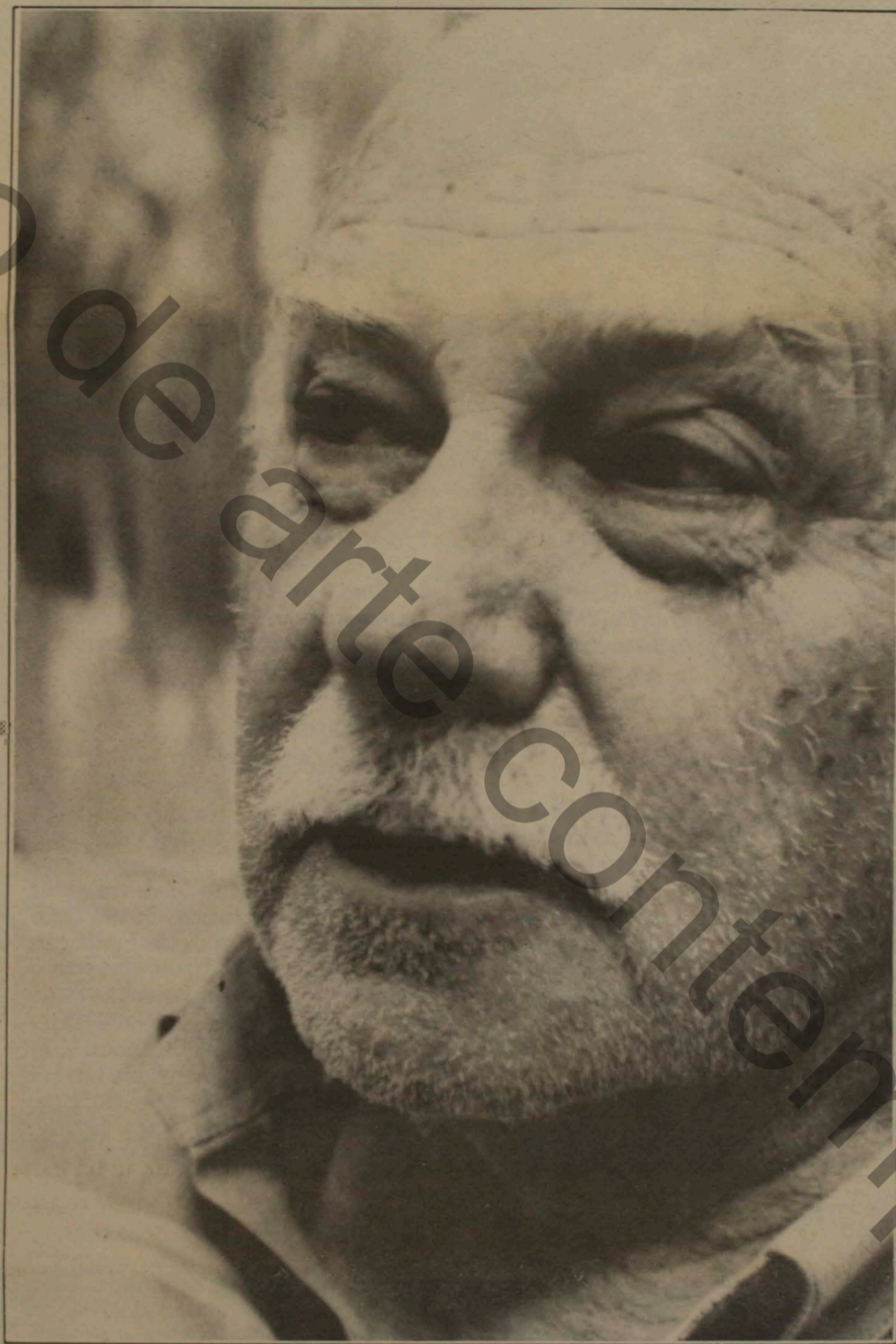
Lembranças... do ontem, não distante. Bons tempos. Época do Elmano Veloso na Prefeitura e do Luiz Gonzaga Pinheiro na Cultura. Naquele momento Sabiá cantava e era de Ouro; a Orquestra Pró-Música de Nova Iorque dava três concertos no Brasil — Rio de Janeiro, São José dos Campos e São Paulo.

Bons tempos. Será mesmo? Em realidade dependia do ponto de vista. Os fisiologistas diziam que o mar não estava para peixes, os sanatórios fecharam as portas, restaram apenas o Vicentina Aranha e o Antoninho da Rocha Marmo. A Estreptomina acabou com a vida sanatorial, que atraiu tantos intelectuais para a cidade, e também com as pensões que tornaram famosos o Bianchi e dona Otaly, o Rosemberg, entre outros.

Bons tempos, pelo menos para a cultura joseense, que conquistava o seu espaço. A vida era uma transformação contínua e permanente. O velho sanatório Ezra foi desativado e Luiz Gonzaga instalou precariamente o Atelier Livre de Artes Plásticas em

Sensibilidade, gente, para sentir, admirar e dar valor ao material, suporte da criatividade. Só conhece o bom ou mau material quem souber fazê-lo. E, tome arte... para quem sonhava com pincéis e tintas.

Fiaminghi



Fiaminghi várias vezes comentou que a grande escola era a natureza, na multiplicidade de formas e tonalidades de cores. Talvez pensasse em Vasarely que achou seu caminho olhando um muro, ou em Mondrian que analisou a árvore e a desintegrou progressivamente.

Na sucessão semanal, o conhecimento recíproco permitiu estabelecimento da amizade e cimentou o relacionamento artístico. Alguns no início da noite, marcavam encontro no Margarida's Bar, com direito ao fast food regado a cerveja ou bom vinho. Ainda dá água na boca a lembrança da sopa de cebola, especialidade da casa.

Por vezes, Fiaminghi trazia um visitante para conhecer o atelier e o trabalho: Sacilotto, companheiro da trajetória concretista, daquele tempo difícil, quase impossível, de pendurar uma obra numa galeria de arte; e Volpi nos visitou duas ou três vezes, falando pouco, vendo muito e fumando aquele cigarro de palha, espalhando simpatias e induzindo ao raciocínio analítico. Mais tarde, Décio Pignatari, que chegou, viu, gostou e foi ficando... ficando... e pintando.

“ O quadro é um discurso plástico que deve ser analisado e sentido. Os detalhes são valorizados, pinçados para adquirir realce. A razão e a lógica caminhando dentro da abstração, mostrando que a inspiração deve ser elaborada. O gestual não é gratuito, e o espaço dominado, pictoricamente, com engenho e arte. **Luigi Zanotto** ”

Tempos da têmpera, técnica que remonta a Idade Média, exigindo uma tela preparada com uma pintura de água, gelatina e carbonato de cálcio. A emulsão-mãe, de verniz damar e terebentina é dissolvida em emulsão de gema de ovo e água, onde o pigmento determina a cor. Quase paradoxal, técnica renascentista, em cidade progressista de São Paulo, empregada em atelier livre...

Impossibilitado temporariamente de dar orientação em São José dos Campos, para substituir Fiaminghi veio o vêneno Luigi Zanotto, professor da Fundação Álvares Penteado e artista consagrado, expositor de bienais. De temperamento introvertido, as palavras são compassadas, com forte sotaque italiano.

Simultaneamente Alberto Teixeira, pintor português radicado em Campinas, bom retratista, ótimo aquarelista e excelente pintor. Foi responsável pela exposição coletiva do Atelier em São Caetano do Sul. A abstração era o seu forte e as cores vivas, na composição inquietante.

O Atelier Livre joseense foi democrático, integrador. Nivelou títulos e patentes, internacionalizou com a orientação italo-portuguesa, deu origem a uma geração de ouro de artistas desta terra.

Hoje, passamos pela Avenida Adhemar de Barros e vemos o Parque Santos Dumont, recordamos que lá foi fazenda, sanatório e atelier livre de artes plásticas. Em realidade, vivemos um instante de vida criadora, naquele ambiente bucólico. Valeu!

um antigo pavilhão, relativamente bem conservado, exorcizando os bacilos de Koch e instalando uma epidemia localizada de fim de semana, pictoricamente ativa.

Labutaram no velho Ezra, entre outros, Carlino Rossi, Eduardo Etzel, Domingos Campoy, convivendo com doentes e irradiando esperança, simpatias, somando os benefícios climáticos com as terapêuticas: os pneumotórax, as torocoplastias, os jacobus, entre outras. Não houve choro nem velas; transferiram doentes e pronto, era o fim.

Não, não era o fim, e sim o começo de uma nova atividade. Os mestres foram substituídos, chegaram Hermelindo Fiaminghi, Luigi Zanotto e Alberto Teixeira, abrindo o caminho para a arte venerada em madeiras, serrote, martelo e pregos, na confecção do "chassis"; dedos doloridos puxavam o algodão cru, modelando as telas.

Muito idealismo para o artista Fiaminghi deixar Sampa, no fim de semana, para, em horário brasileiro, quase inexoravelmente,

às 8 horas, começar a olhar e aconselhar o "aluno" a trabalhar desta ou daquela forma, sugerindo melhor harmonia de cores, sem nunca forçar o caminho artístico.

“ Cada um tem a sua forma e cores para interpretar o contemporâneo. Podemos ajudar, nunca conduzir ou interferir no caminho. Cada um deve fazer suas descobertas, moldar seu estilo, achar a sua melhor forma da abstração. **Fiaminghi** ”

Apesar de livre, no Atelier não existia lugar para o acadêmico, muito embora

Pissella Vidal